

## A ICONOGRAFIA DA BOA MORTE E OS RETRATOS MORTUÁRIOS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

### Fabíola Veloso Menezes

Artista Plástica,  
Mestranda em Artes, Universidade  
Federal do Espírito Santo.  
fabiolavmenezes@gmail.com

### Resumo

O tema da morte e suas interpretações, sempre presentes em todas as culturas, se fortaleceram com o cristianismo através de algumas idéias principais, como a salvação, a imortalidade da alma e a intermediação dos santos, e também através de inúmeros rituais.

Pretende-se, com este artigo<sup>1</sup>, analisar os retratos mortuários encontrados na cidade de Juazeiro do Norte-CE, correlacionando-os ao catolicismo popular e à iconografia da Boa Morte, fortemente inserida naquele contexto através de Padre Cícero (1844-1934). Conjectura-se a associação entre os registros mortuários desta região e as imagens da boa morte, devido à utilização destas nas pregações moralizantes de Padre Cícero, e que ainda hoje são exibidas nas casas das rezadeiras da região, herdeiras do legado do padre.

**Palavras-chave:** Boa Morte, retratos mortuários, catolicismo popular, morte do justo e do pecador.

A morte, o mais temido dos males, não nos diz conseqüentemente respeito; pois enquanto existimos a morte não está presente, e quando a morte está presente nós já não existimos. Nada é portanto nem para os vivos nem para os mortos visto que não está presente nos vivos, e os mortos já não são. Epicuro de Samos (341-271 a.C.) em Carta a Meneceu.

Muitas sociedades primitivas já haviam manifestado a sua preocupação com a maneira pela qual a morte seria tratada em seu meio social, e chegaram a transformar a morte em um **rito de passagem**. Conforme Mircea Eliade, "(...) a morte chega a ser considerada como a suprema iniciação, quer dizer, como o começo de uma nova existência espiritual."<sup>2</sup>

Diversas culturas deixaram pistas ao longo de sua história a respeito de como lidaram com seus mortos, através dos ritos funerários, dos monumentos erigidos em homenagem, do espaço destinado aos vivos e aos mortos, das representações mortuárias desde os jazigos familiares às máscaras, até os próprios retratos mortuários. Segundo Philippe Ariès, "l'attitude ancienne où la mort est à la fois familière, proche et atténuée, indifférente, s'oppose trop à la nôtre ou la mort fait peur au point que nous n'osons plus dire son nom."<sup>3</sup> As tradições presentes em várias expressões culturais se fortalecem muitas vezes pela necessidade de se estabelecerem rituais que possam atender de maneira satisfatória as crenças e costumes que passam de geração após geração, como uma manifestação da memória coletiva de uma comunidade ou região. Para José Carlos Rodrigues, a morte do indivíduo e a morte da sociedade atuam através de uma mesma consciência do homem diante da morte:

Evidencia-se na morte, os ritos e práticas funerários, ao mesmo tempo o seu caráter de extrema individualidade e sua constituição social: ela traça um confim último entre a subjetividade do eu e do outro.<sup>4</sup>

A sacralidade presente em determinados costumes não requer necessariamente uma autorização das religiões institucionalizadas para que se apresente. Ela pode atuar de forma independente e até em conformidade com as regras e dogmas oficiais trazendo em sua formatação apropriações, interpretações e adaptações sem buscar, portanto, suprimir ou substituir qualquer manifestação religiosa oficial.<sup>5</sup>

A temática da morte e suas interpretações estiveram sempre presentes em todas as civilizações, fortaleceram-se com o cristianismo através da própria figura de Jesus Cristo, dos mártires, das comemorações dos santos, orações aos mortos, entre outras práticas recorrentes e que, de certo modo, foram adaptadas a partir do antigo culto dos mortos e da tradição judaica dos túmulos dos patriarcas.<sup>6</sup>

Deste modo, conforme os costumes de cada grupo social e sua época, houve a criação de novos meios e novas expressões de homenagens, manutenção da memória e fortalecimento de tradições como a crença em um além que serviria de morada para a alma dos mortos.

Um exemplo dessa atitude pode ser visto a partir do século XIX, quando, nos Estados Unidos e parte da Europa, fotógrafos profissionais e amadores passaram a ser contratados para fotografar pessoas mortas que dispunham de certo destaque na sociedade ou de condições financeiras, como um último registro das mesmas em favor de suas famílias. O aparato utilizado por estes fotógrafos cumpria, na maioria dos casos, com a preparação de um cenário, a escolha das roupas, o modo de posar, a abertura dos olhos, de modo a garantir uma “boa imagem” do morto. Em alguns casos, posavam familiares vivos junto ao morto, como uma forma de criar um último retrato do morto em família.

No Brasil, no mesmo século, encontramos também esta prática, e embora feita por profissionais, não tinha o mesmo requinte presente nas fotografias americanas e européias. Tanto em cidades do sertão nordestino, como em outras na Paraíba, Rio Grande do Sul, Goiânia, Espírito Santo, existem fotografias feitas do morto dentro do caixão ou deitado em uma cama durante o velório. Em alguns casos, a fotografia era feita fora das casas, com familiares e amigos ao redor. Quando se tratava de uma criança, vestiam-na como anjos ou com roupas que se assemelhavam às vestes utilizadas nas representações escultóricas e pintadas de santos, com a presença de signos cristãos, como terços e cruzes, auréolas, entre outros atributos.<sup>7</sup>

Em Juazeiro do Norte-CE, nos deparamos com um comportamento singular de devoção religiosa e do modo como algumas pessoas lidam com a morte. O costume de realizar retratos mortuários ainda se mantém na cidade, assim como há resquícios da prática de dispor os retratos nas paredes junto a imagens de santos, dividindo espaço com altares domésticos, estátuas, velas acesas, compondo desta maneira um espaço sagrado e com fins devocionais.

Juazeiro do Norte é uma cidade que está associada à figura do Padre Cícero e tem como característica principal o turismo religioso, cujo calendário de romarias se estende durante todo o ano, promovendo grande movimentação de romeiros e visitantes na cidade. O início das romarias se deu a partir do suposto milagre ocorrido no dia 7 de julho de 1889, na ocasião de uma reunião dos associados da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, também conhecida como “Apostolado da Oração”, no momento em que Padre Cícero conferia a hóstia a Maria do Araújo, beata e participante do grupo.<sup>8</sup>



Figura 1: Morte do Justo – reprodução de pintura utilizada por Padre Cícero em suas pregações. Museu Padre Cícero – Juazeiro do Norte/CE.  
Foto: Fabíola Menezes.

Observa-se, a partir de relatos referentes à vida de Padre Cícero,<sup>9</sup> que em suas pregações moralizantes, o padre, a principal referência religiosa na cidade, usava reproduções de pinturas que demonstravam a Morte do Justo e do Pecador. Tais imagens possuem muitas semelhanças com as gravuras feitas para ilustrar o tema nos Tratados antigos, conhecidos como *Ars moriendi* ou A Arte do Bem Morrer, que remontam ao século XIII.

Padre Cícero, enquanto sacerdote, estava inserido no corpo dogmático da Cristandade Ocidental que herdou das religiões antigas o *além*<sup>10</sup>. Esta, por sua vez, desenvolveu determinadas concepções que foram reforçadas pela idéia de existência de um Céu para os justos e um Inferno para os pecadores<sup>11</sup>, o que contribuiu para um comportamento temeroso dos devotos diante da morte, quanto a um destino de paz e acolhimento no Céu ou um destino de condenação a torturas eternas no Inferno. O Purgatório, por sua vez, seria um lugar intermediário ou um estado “por isto, o cunho de cura mais do que de pena.”<sup>12</sup>

Deste modo, as imagens que apresentam a Morte do Justo (FIG.1) mostram em geral o moribundo com aspecto de serenidade e complacência, em seu leito de morte, cercado por pessoas, que



*Figura 2: Morte do Pecador - reprodução de pintura utilizada por Padre Cícero em suas pregações. Museu Padre Cícero – Juazeiro do Norte/CE.  
Foto: Fabíola Menezes.*

podem ser familiares e até religiosos, além da presença de anjos e/ou a Virgem e Jesus Cristo. Próximo ao leito apresentam-se demônios assustados que demonstram não ousar uma aproximação devido à presença da divindade junto ao moribundo.

Por outro lado, a representação da Morte do Pecador (FIG.2) demonstra o contrário, o moribundo em estado de agonia e desespero sendo interpelado insistentemente por demônios que ficam ao seu redor. Deste modo, a representação da divindade está deslocada para alguma extremidade, como a demonstrar a presença, porém a impossibilidade de intervenção.

A influência das pregações de Padre Cícero, além da preocupação das pessoas com a morte e com a realização dos ritos funerários, somadas ao advento da fotografia, daria ao retrato mortuário um lugar privilegiado no imaginário religioso presente na cidade.

Além das imagens usadas pelo padre, destacamos a propagação do uso do livro *Missão Abreviada*, escrita pelo Padre Manoel José Gonçalves Couto, também conhecido como "Bíblia das Aldeias", que era utilizado por grupos de penitentes e beatos à época de



Figura 3: Retrato mortuário pertencente à Família Lima – Juazeiro do Norte/CE. Reprodução feita em 16.12.2009. Foto: Fabíola Menezes.

atuação de Padre Cícero. Ainda hoje, a Missão Abreviada é utilizada por grupos de pessoas que são identificados como os Borboletas Azuis, devido às roupas usadas, cujos homens e mulheres pregam a chegada do Juízo Final.<sup>13</sup>

Os retratos mortuários feitos em Juazeiro do Norte no passado demonstram a preocupação dos familiares que encomendavam o retrato aos fotógrafos, de dispor junto ao morto um crucifixo com a imagem de Jesus Cristo, ainda que houvesse o desenho do crucifixo ornamentando o caixão, assim como as flores que eram colocadas sobre o corpo do defunto, e velas acesas ao redor do caixão (Fig.3). As imagens mais antigas mantêm a recorrência em apresentar os familiares e ou amigos ao redor do morto, em alguns casos, havia a presença de um padre. Este costume parece ter sido reforçado quando Padre Cícero posou para o retrato mortuário de sua irmã mais velha e posteriormente de sua mãe, e quando da sua morte em 1934, foi feito mais de um retrato mortuário do próprio padre, em um deles inseriram a seguinte frase: *Vou rogar a Nossa Senhora por vocês – Pe Cícero Romão Baptista*, (FIG.4) este último, encontra-se presente e exposto em vários locais públicos e em residências. Ainda que a intervenção feita na fotografia tenha sido obra de terceiros, a frase dita pelo padre em outras



*Figura 4: Retrato mortuário feito em 1934 de Padre Cícero morto, a intervenção escrita foi feita posteriormente. Foto: Fabíola Menezes.*

circunstâncias acaba por reforçar e atualizar a iconografia da morte do Justo.

Identificam-se na cidade dois locais que possuem características peculiares referentes ao retrato mortuário e à realização dos rituais de morte: a Casa dos Milagres e a Casa de Mãe Dodô, conhecida rezadeira da região, falecida em 1998.

A Casa dos Milagres foi fundada em 1936 por um habitante da cidade, através dos donativos de romeiros à época, com a intenção de suprir a ausência de um lugar que recebesse os objetos votivos, referentes aos pedidos e agradecimentos dos romeiros do Padre Cícero. Estes, anteriormente, ficavam dispostos na Praça do Perpétuo Socorro e eram recolhidos e descartados como lixo.<sup>14</sup>

Neste ambiente, junto aos objetos votivos, encontram-se pinturas e estátuas de santos, de Padre Cícero, altares, velas acesas e uma infinidade de objetos deixados pelas pessoas a cada romaria ou visitação, assim como retratos mortuários dividindo o espaço com pedidos e agradecimentos (FIG.5).

Já a Casa de Mãe Dodô oferece-nos uma interpretação ainda mais próxima das questões da Boa Morte e do Bem Morrer, por se tratar



Figura 5: Retrato mortuário localizado na Casa dos Milagres em Juazeiro do Norte/CE. Registro feito em 15.12.2009. Foto: Fabíola Menezes.

de um lugar que, durante a vida da rezadeira, recebia os moribundos para a realização dos cânticos e orações, com fins de proporcionar-lhes a tranquilidade no momento da passagem. Com a morte de Mãe Dodô, a casa mantém-se aberta sob a guarda da Sra. Alzira Mendes do Nascimento, que recebe e hospeda romeiros, de baixo poder aquisitivo, que se deslocam para a cidade durante as datas das romarias. Dentre as imagens que estão dispostas nas paredes da casa, há retratos mortuários em que o defunto encontra-se cercado por rezadeiras, no momento subsequente ao trespasse, como registro da intercessão de suas orações pelo morto (FIG.6).

A colocação dos retratos mortuários nas paredes acrescenta um novo *locus* no âmbito de utilizações e funções do retrato mortuário, porque, de certo modo, a imagem ganha um caráter de objeto público, ainda que permaneça num ambiente privado. Ao mesmo tempo, parece-se reforçar o ideário popular de garantir ao morto um "lugar" próximo de Deus, ou seja, em um "lugar" sacralizado pelas imagens religiosas.



Figura 6: Retratos mortuários expostos na Casa de Mãe Dodô. Registro feito em 12.12.2009. Juazeiro do Norte/CE. Foto: Fabíola Menezes.

Nossa análise do modo como os retratos mortuários são utilizados na cidade aproxima-se do que David Freedberg denomina como *teoria das respostas*, que se preocupa com o comportamento do espectador diante das imagens para a implantação e autenticação do potencial que é conferido as mesmas. Freedberg analisa também a eficácia e a potência que cada imagem possui, ao ponto de exercer sobre o espectador sensações de repulsa, de afinidade, de atração entre outros tipos de sentimentos e reações.<sup>15</sup>

Deste modo, percebe-se que os elementos que conferem ao retrato mortuário a sua potencialidade estão embasados numa dada crença, e que a eficácia do retrato mortuário em exercer sobre determinados espectadores uma relação de devoção ou até de oração, como o que ocorre em Juazeiro do Norte, inserem-se em um contexto religioso que transcende aos aspectos oficiais do catolicismo.

A religiosidade presente na cidade de Juazeiro do Norte pode ser definida, conforme Paulo Günter Süss, através do conceito de "catolicismo popular":

[...] "catolicismo popular", na extensão em que é usado aqui, também significa um limite para com uma "religiosidade popular" global. Esta – sob o ponto de vista de sua proveniência étnica e sua gênese religiosa – abrange todos os costumes e vivências religiosas do povo, sejam elas de origem africana, indiana, protestante, católica, espírita ou pagã. Por isso, (...) trata-se das pressões religiosas daqueles que declaram a Igreja católica como primeiro sistema de referência. Mesmo que façam uma seleção funcional e pratiquem uma reinterpretação não-institucionalizada.<sup>16</sup> SÜSS, Paulo Günter.

prática de recorrer a rituais funerários, aos retratos mortuários e às orações das rezadeiras tornou-se, portanto, um costume independente da religião oficial e permitiu que a religiosidade que se faz presente seja baseada na crença e fé de pessoas que se apóiam em instrumentos outros, que podem, portanto, oferecer-lhes o consolo de que os poderes atribuídos à oração e a capacidade de outras pessoas de encaminharem a alma dos mortos de forma apaziguadora durante o transpasse não sejam restritos aos sacerdotes da Igreja.

O retrato mortuário exerce a função de uma imagem participante nos rituais posteriores à morte, na realização das orações e pedidos que serão feitos em intercessão pela alma dos mortos em datas como de Finados e, no caso específico de Juazeiro do Norte, no dia 20 de julho, data em que se comemora o aniversário de morte do Padre Cícero.

Por outro lado, observa-se na atualidade que o retrato mortuário existente na cidade de Juazeiro do Norte, além de exercer o sentimento de rememoração, da lembrança do morto quando ainda vivo e da própria condição do morto para aquele que tem sob sua posse o retrato mortuário, gera ainda outro tipo de reação, contrária, nas novas gerações: o sentimento de repulsa, de contemplação de uma morbidez. E isso leva ao descarte dos retratos mortuários, sem que haja qualquer tipo de cerimônia com a imagem que representa alguém de sua família.

Consideramos, pois, que o acervo de retratos mortuários existente na cidade de Juazeiro do Norte possibilita estudos e pesquisas que

podem contribuir para a afirmação de que esta prática é um patrimônio cultural imaterial e que o retrato mortuário permite, através de sua análise, um maior conhecimento da identidade cultural e religiosa desta cidade.

### Notas

<sup>1</sup> O presente artigo é recorte da pesquisa que está sendo realizada na linha de pesquisa Patrimônio e Cultura no Mestrado em Artes, com previsão de conclusão para 2011.

<sup>2</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 204.

<sup>3</sup> ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident du Moyen Age à nos jours*. Paris: Seuil, 1975. p. 24. "A atitude antiga, em que a morte é simultaneamente familiar, próxima e atenuada, indiferente, opõe-se muito à nossa, em que a morte provoca medo, a ponto de nem ousarmos dizer-lhe o nome." (tradução nossa).

<sup>4</sup> RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. p. 22.

<sup>5</sup> Sobre o comportamento do homem diante da religiosidade popular e oficial, observa-se em Juazeiro do Norte uma atividade simultânea, onde não há impedimentos da Igreja Católica na realização de rituais passados por gerações familiares ao mesmo tempo em que as mesmas famílias atendem e vivenciam o dogma do catolicismo.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão.[et al.] 3.ed. Campinas, SP: Edunicamp, 1994. p. 447.

<sup>7</sup> Informações específicas sobre a importância da mortalha infantil, ver em: VAILATI, Luiz Lima. *As fotografias de "anjos" no Brasil do século XIX*. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-47142006000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-47142006000200003&script=sci_arttext) . Acesso em 01/04/2010

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci*. Fortaleza: Premius, 2001. p. 74-75.

<sup>9</sup> Nas obras Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão de Lira Neto assim como *O Padre Cícero que eu conheci* de Amália Xavier de Oliveira constam relatos sobre o comportamento amoroso e ao mesmo tempo rígido do padre, que buscava moralizar os costumes dos habitantes do povoado que posteriormente se tornaria a cidade de Juazeiro do Norte no Ceará.

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Tradução Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Estampa, 1995. p.16.

<sup>11</sup> Ibid. p.18-19.

<sup>12</sup> *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Verbete: purgatório, p. 1203. Com seu significado técnico o termo purgatório não aparece antes do séc. XI, em Hildeberto (PL 171,741). Anteriormente, esforçavam-se por figurar a vida do além-túmulo antes do juízo universal; mas, já que a escatologia só muito lentamente se desenvolveu, existe alguma oscilação na visão do além. Pensa-se que os mártires chegam diretamente à felicidade; os não-mártires, ao invés, devem antes expiar as culpas pós-bastimais numa espécie de *sheol* (Tertul., *De na.* 58). [...] Agostinho fundamenta seu ensino acerca da purificação no além sobre a oração da Igreja pelos defuntos (*De cura mort.*, *De octo Dulc. quaest.* II, *De civ. Dei*, 21,13 e 24). A epigrafia oriental e ocidental atesta que o povo cristão reza por seus mortos.

<sup>13</sup> Informação retirada da matéria: *Penitentes fazem Previsão* do Diário do Nordeste. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=393913> . Acesso em: 29.03.2010

<sup>14</sup> Informação fornecida pela neta do fundador da Casa dos Milagres e atual responsável do local, a Sra. Januacéia Santana Bezerra no dia 14.12.2009, na cidade de Juazeiro do Norte – CE.

<sup>15</sup> FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes*. Madrid: Cátedra, 1992.

<sup>16</sup> SÜSS, Paulo Günter. *O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida*. Edições Loyola: São Paulo, 1979. p.28. Observa-se dentro dos conceitos utilizados na Sociologia da Religião com relação a "religiosidade popular", "catolicismo popular" uma recorrente ambigüidade de sentidos. Autores como Isnard de Albuquerque Câmara Neto, no artigo Diálogos sobre Religiosidade Popular, afirma ser adequado o uso do termo "religiosidade popular" por não ser corpo eclesial ou corpo doutrinário e por este manter certa independência da hierarquia eclesiástica. Por outro lado, Cristián Parker no livro *Otra lógica en América Latina: religión popular y modernización capitalista*, sugere utilizar o termo 'religião popular'. A princípio optaríamos por manter o uso do termo religiosidade popular, no entanto, levando-se em consideração, a própria influência do Padre Cícero no contexto religioso da cidade, e pelo mesmo ser Sacerdote da Igreja Católica, considerou mais adequado o uso do termo "catolicismo popular", conforme definição de SÜSS.

## Referencias

ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident du Moyen Age à nos jours*. Paris: Seuil, 1975.

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. *Diálogos sobre religiosidade popular*. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogosreligiosidade-N2-2002.pdf> - Acesso em: 23.03.2010.

DI BERARDINO, Ângelo (org). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FREEDBERG, David. *El poder de las imágenes*. Madrid: Cátedra, 1992.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão.[et al.]. Campinas, SP: Edunicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. *O nascimento do purgatório*. Tradução Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Estampa, 1995.

LIRA NETO. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci*. Fortaleza: Premius, 2001.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SÜSS, Paulo Günter. *O catolicismo popular no Brasil: tipologia de uma religiosidade vivida*. São Paulo: Loyola, 1979.

VAILATI, Luiz Lima. "As fotografias de "anjos" no Brasil do século XIX". In: *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-47142006000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-47142006000200003&script=sci_arttext) . Acesso em 01/04/2010.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório, ou, O trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: UNESP, 2010.

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=393913> . Acesso em: 29.03.2010